

ESPECIFICIDADES DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL NO ATENDIMENTO À MULHER LÉSBICA

SPECIFICITIES OF PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PSYCHOLOGY IN THE
CARE OF LESBIAN WOMEN

Roseane Márcia Silveira¹

Amanda D'Assumpção Oliveira Vilas Boas²

RESUMO:

O presente artigo visa apresentar, por meio de pesquisas bibliográficas, considerações para a melhor compreensão da psicoterapia, especificamente, na prática clínica direcionada à mulher lésbica. O objetivo da pesquisa é compreender qual é o papel da psicoterapia sob a abordagem Fenomenológica-Existencial (FE), nas particularidades e especificidades que se manifestam no atendimento à mulher lésbica, considerando as barreiras e vulnerabilidades impostas pela heteronormatividade e as limitações do próprio psicólogo, segundo a literatura psicológica brasileira para mulheres lésbicas. Essas barreiras incluem suas próprias limitações: as crenças limitantes e heteronormatividades internalizadas pelo próprio terapeuta. Tais obstáculos esbarram na invisibilidade e vulnerabilidade inerentes à experiência da pessoa LGBTQIA+, as quais, por vezes, arriscam ser ignoradas na psicoterapia.

Palavras-chave: psicoterapia; mulheres lésbicas; atendimento psicológico; psicologia existencial.

ABSTRACT:

This article aims to present, through bibliographic research, considerations for a better understanding of psychotherapy, specifically in clinical practice directed at lesbian women. The analytical focus is on the psychologist's ability and perspective in relation to the needs and peculiarities of LGBTQIA+ individuals. The scores of the intrinsic and extrinsic barriers that the professional may face in their work. These barriers include their own imitations, limiting beliefs, and heteronormativity, internalized by the therapist themselves. Such obstacles clash with the invisibility and vulnerability inherent in the LGBTQIA+ experience, which, in turn, risk being ignored in psychotherapy.

Keywords: psychotherapy; lesbian women; psychological care; existential psychology

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga qual é o papel da psicoterapia sob a abordagem Fenomenológica-Existencial (FE), nas particularidades e especificidades que se manifestam no atendimento à mulher lésbica, considerando as barreiras e vulnerabilidades impostas pela

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas – FAPAM.

²Mestranda em Psicologia PUC Minas; Especialista em Psicologia Fenomenológica-existencial-humanista; Especialista em Gestão de Pessoas; Psicóloga Clínica; Professora Universitária na Faculdade Católica de Pará de Minas – FAPAM.

heteronormatividade e as limitações do próprio psicólogo, segundo a literatura psicológica brasileira para mulheres lésbicas.

Partindo do princípio de que a clínica psicológica tem como finalidade compreender o sofrimento humano, busca-se apresentar uma perspectiva de clínica psicoterapêutica sensível à experiência da lesbianidade. Isso inclui o exercício de uma escuta empática, mesmo quando a fala se dispersa em “falatórios” (Heidegger, 2012) e a atenção aos principais elementos que atravessam esse cuidado, como preconceitos internalizados e externos, crenças limitantes e possíveis barreiras do próprio terapeuta diante da pessoa LGBTQIA+.

O objetivo da pesquisa é compreender as especificidades do atendimento psicoterapêutico na abordagem fenomenológico-existencial segundo a literatura psicológica brasileira para mulheres lésbicas. A contextualização da abordagem fenomenológica-existencial no Brasil se dá a partir de referências de João da Penha e Ana Feijoo. Além disso, busca-se compreender o papel da psicóloga para o atendimento de mulheres lésbicas e, teoricamente, as suas especificidades clínicas a partir do olhar da psicologia fenomenológica-existencial.

Quanto à mulher lésbica, é válido refletir sobre os seus desafios, em que suas vivências estão relacionadas com sua identidade, expressão de gênero e orientação sexual no enfrentamento dos preconceitos, discriminação tanto da sociedade, dos familiares e de sua própria pessoa, que afetam diretamente seu bem-estar e a sua saúde mental. Ao buscar por atendimento psicoterapêutico advindo de seu sofrimento psíquico, espera-se que o terapeuta tenha para com ela o movimento de acolhimento humanizado (Vitoriano, 2023).

O problema que irá nortear a presente pesquisa bibliográfica é: quais as particularidades do atendimento psicoterapêutico na abordagem fenomenológico-existencial para mulheres lésbicas?

A pesquisa bibliográfica discute a ética e a responsabilidade do psicólogo no acompanhamento do sofrimento psicológico vivenciado pela mulher lésbica. Esse sofrimento está ligado ao enfrentamento diário de sua orientação sexual, à luta contra preconceitos, discriminação, misoginia e outras demandas que a atingem no meio social, inclusive no familiar.

O trabalho destaca que essas questões merecem atenção especial. O estudo também aprofunda o papel da Psicologia Fenomenológica-Existencial (PFE), investigando como as especificidades desse tipo de atendimento podem oferecer um acolhimento verdadeiramente humanizado, fundamental para ajudar a mulher lésbica a elaborar a dor e o sofrimento decorrentes das experiências preconceituosas.

A escolha da abordagem PFE se justifica, pois ela pode ajudar a mulher lésbica na busca por autenticidade, dando suporte para que ela possa ser dona de sua própria história, no direito de sua liberdade com responsabilidade. Neste contexto, o *Dasein* (*ser-ai*) é crucial ao permitir abordar o

sofrimento humano que oscila entre inautenticidade e autenticidade do ser (Heidegger, 2012). Importante pontuar que o foco jamais é para a “cura” da homossexualidade ou encobrimento da dor. Pelo contrário, trata-se de remover as camadas do encobrimento, permitindo que o sofrimento da mulher lésbica seja visto, compreendido e elaborado de forma genuína com o auxílio do psicólogo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 PSICOTERAPIA DA MULHER LÉSBICA: REMOVENDO O ENCOBRIMENTO (*DASEIN*) PARA VIVER COM AUTENTICIDADE

Com um olhar voltado para a lesbianidade, considera-se a busca pela autenticidade como um processo que atravessa barreiras de autoaceitação, autoafirmação e compromisso com aquilo que conduz a pessoa a ser verdadeira consigo mesma — um caminho de autodescoberta e autoconhecimento. Para que esse movimento ocorra, a mulher lésbica precisa se desvincular dos medos e “sair do armário” do autojulgamento, de modo a não se perder diante das adversidades, especialmente ao se deparar com a indiferença e o julgamento de uma sociedade que ainda busca diminuir e silenciar suas existências (Vitoriano, 2023).

Com foco na experiência da lesbianidade, observa-se uma trajetória marcada pela busca da autenticidade: um movimento que atravessa fronteiras internas e convida à autoaceitação, à autoafirmação e ao reconhecimento de si. Esse processo implica um exercício constante de autodescoberta e de autoconhecimento, em que ser verdadeira torna-se um ato de resistência. Para que isso seja possível, a mulher lésbica precisa enfrentar os medos que a imobilizam e desprender-se do “armário” do autojulgamento, construindo, pouco a pouco, um espaço de liberdade subjetiva. Diante de uma sociedade que ainda reage com indiferença e julgamento, esse percurso exige coragem para não se perder entre as adversidades e seguir afirmando sua existência em meio às tentativas de apagamento que persistem no cotidiano (Vitoriano, 2023).

No presente contexto, o atendimento à mulher lésbica não foca em sua sexualidade como uma problemática a ser adaptada ou “curada”, mas sim em como perceber que sua existência é encoberta e sufocada em detrimento do ambiente social normativo, que gera sofrimento e inautenticidade (Resolução 01/99).

A atuação do psicólogo no Brasil é regida pelo princípio ético da não-patologização ao que se refere à orientação sexual, conforme estabelecido pelo Código de Ética do Profissional de Psicologia na Resolução 01/99, que destaca em seu artigo 2º: “Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de

discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.” (Resolução, CFP N.º 001/99).

A psicologia é, inegavelmente, convocada a novas formas de atuação e seus profissionais têm como dever respeitar e acolher da melhor forma a pessoa LGBTQIA+ (CFP/CREPOP, 2023) em especial atenção à mulher lésbica. Deve-se entender que a identidade de gênero e/ou sexual não é uma patologia e, tão pouco, um desvio de caráter. É de responsabilidade do psicólogo trazer a pessoa LGBTQIA+ para o que diz respeito à sua própria verdade e não buscar enquadrá-la absolutamente em nada que vá contra a sua natureza.

Quando a mulher lésbica busca um espaço terapêutico, assim como qualquer outra pessoa, ela espera encontrar um ambiente acolhedor, onde possa explorar suas emoções, desafios e aspectos identitários sem receio de ser julgada. Feijoo (2000) chama a atenção para o risco que essa mulher corre ao se submeter às imposições da coletividade: ao deixar que o impessoal e o que é esperado socialmente guiem sua existência, ela pode acabar perdendo a autoria sobre o próprio existir.

No artigo acadêmico *“Lesbianidade em questão: um estudo fenomenológico* de Vitoriano (2023), que trata da lesbianidade, são apresentadas entrevistas com mulheres lésbicas na busca da compreensão de si mesmas e a influência do meio familiar. O estudo evidencia como, em muitos casos, esse ambiente pode prejudicar o desenvolvimento do ser, sobretudo em função da heteronormatividade e da imposição da heterossexualidade. Tais fatores, reforçados pelas instituições sociofamiliares e religiosas, contribuem para o surgimento de medos, dúvidas e culpas.

A seguir, serão apresentadas algumas entrevistas do artigo de Vitoriano (2023) com mulheres lésbicas, a fim de exemplificar as discussões realizadas até o momento. Para a coleta de dados, utilizou-se uma única questão norteadora, na qual cada participante foi convidada a relatar sua história de vida desde a infância, passando pela adolescência e adultez. As entrevistadas também descreveram o momento em que reconheceram o desejo afetivo-sexual por outras mulheres, seus relacionamentos e a situação vivenciada até o momento da entrevista.

O artigo organiza os relatos em categorias e subcategorias. Na subcategoria II, discute-se a influência da família, da religiosidade e da sociedade como elementos que atravessam o processo de “sair do armário”. Já na categoria IV, intitulada “O momento presente”, os depoimentos abordam a fase atual da vida das participantes. Inicialmente, tem-se o relato da colaboradora Helena, de 48 anos:

Eu fiquei muito tempo sem me aceitar, quase que uma vida inteira. Eu aceitava e não aceitava. Eu queria e não queria. E minha família fazia muita chantagem, entende? A não aceitação fazia isso. Sempre com interferência, porque eu era sempre muito feliz naquilo que eu sentia, sozinha. Meu desejo era grande. Então eu me sentia bem ficando com uma mulher, entendeu? Mas as coisas, parentes, mãe, irmão, todo mundo falando, isso me deixava em dúvida se realmente eu ia ser feliz, se era pecado ou não era — porque existia essas coisas, né? (...) Hoje eu estou muito melhor com essa situação. Hoje nada interfere

na minha cabeça. A maturidade faz coisa boa com a gente, né? Eu não permito mais que as pessoas me desrespeitem. Eu busquei muito isso, né? É desafiador isso pra gente. Hoje eu sou a mulher que eu gostaria de ser, com o respeito dos meus filhos, respeito das pessoas que eu convivo (Vitoriano, 2023, p.71).

No relato de Helena, é possível observar, por meio da PFE, que se trata de uma passagem da inautenticidade para o ser-em-si-mesmo, como aponta Feijoo (2000). Com base na referência heideggeriana entende-se, no que se diz respeito a manejo do processo de resgate de si, que a pessoa estando tomada pela angústia, ela almeja ser mais o próprio de si, ou seja, ser ela mesma. Helena entendeu que ela poderia escolher em ser ou não ser feliz. Mesmo passando por todas as vicissitudes em seu caminho, como relata na entrevista, ela escolheu ser feliz. Ao encontro com o que Feijoo (2000) pontua em “a fala do psicoterapeuta”, cabe à psicóloga ser a “promotora de responsabilidade”, como ela mesma diz, a responsabilidade é uma questão crucial a ser trabalhada na psicoterapia de base existencial. Deve-se trazer para a paciente a sua consciência que é a tomada de decisão, pois a paciente é a única que pode decidir por si própria, ela quem decide e nunca as situações ou pessoas envolvidas irão decidir por ela.

A segunda entrevista trata-se de Vanessa, 26 anos, natural de Paraisópolis–MG, curso superior completo. Na data da entrevista, ela se encontrava em um relacionamento sério.

Quando eu traí meu ex-namorado com uma mulher, ele foi contar pra minha família e meu pai brigou comigo muito feio. Disse que eu era a vergonha da família, que eu não podia ser lésbica (...) por isso que eu tinha uma insegurança muito grande de falar quando eu comecei a namorar atual namorada. (...) A partir do momento que eu vi que a homossexualidade não é aquilo que a sociedade colocou, nada mais me trouxe sofrimento. O sofrimento foi quando eu conheci minha namorada e tive que contar pro meu pai(...) Só que aí foi totalmente o contrário. Ele me abraçou e disse que o que importava era minha felicidade, e que minha mãe ia me aceitar. E a minha família inteira coloca minha namorada na família até mais que eu. Depois que eu abri, eu já tinha minha vida aqui, mas aí eu pude abrir minha vida pra lá.(Vitoriano, 2023, p.61).

O relato de Vanessa apresenta a sua libertação da vergonha e vai ao encontro de sua autenticidade, ao seu existir em ser livre. Heidegger (2012) afirma que o *Dasein* é o ente, ou seja, o ser cada vez ele mesmo. O autor, ao dizer “No entender reside existencialmente o modo-de-ser do *Dasein* como poder-ser”, mostra que Vanessa chega ao ponto mais alto do *Dasein*, que a leva a possibilidade do existencial quando ela se refere em poder abrir sua vida para lá, ou seja, transpor as barreiras por meio da abertura da verdade, apresentado por Heidegger como um modo-de-ser essencial do *Dasein*.

Vitorino (2023) aponta as mulheres lésbicas se afirmando por meio da autenticidade e na desconstrução da homofobia internalizada, a autoaceitação, resgatando sua verdade e se posicionando dentro de si e além do que a sociedade espera. A autora relata também sobre combater o histórico da invisibilidade e da patologização. Nesse sentido, Sarmiento e Evangelista (2025)

apresentam como ponto crucial o quanto a PFE acompanha a grande mudança ao que se refere a homossexualidade, que deixou de ser vista como uma doença mental, passando para a homofobia.

Ao contemplarmos o desenvolvimento histórico das ciências, das psicoterapias e da psicopatologia a respeito da forma como abordam a homossexualidade e a homofobia, pudemos observar com esta pesquisa que a psicologia fenomenológico-existencial, de modo geral, acompanhou esse desenvolvimento (...). Esperamos com esta revisão integrativa dar visibilidade ao sofrimento humano decorrente da homofobia, isto é, da normatividade cultural que naturaliza papéis sociais e orientações sexuais, relegando outras à exclusão. (Sarmiento e Evangelista, 2025, p.16).

Assim a PFE pode auxiliar na elaboração do sofrimento ligado às experiências de homofobia. A terapia deve combater os efeitos negativos do heterossexismo com a forma afirmativa, levando o cliente a refletir sobre seu mundo em meio a sociedade homofóbica.

2.2 O ACONTECER: A VERDADE E DESVELAMENTO PARA A MULHER LÉSBICA

Ao aprofundar as leituras fundamentadas na perspectiva Fenomenológico-Existencial, percebe-se que essa abordagem busca favorecer o caminho da mulher lésbica em direção à reconquista de sua autenticidade; um movimento de retomada de si, de reencontro com o próprio ser e com aquilo que lhe é mais genuíno. Heidegger (2012, p. 139) nos recorda que “a essência desse ente reside em seu ter-de-ser”, ressaltando que a existência humana se constrói justamente na possibilidade de tornar-se quem se é, em um constante exercício de *vir-a-ser*.

De acordo com João da Penha (2001):

(...) Essa liberdade, entretanto, não é absoluta, já que o homem vive uma existência concreta, situada no tempo e no espaço, portanto, condicionada, limitada pela sociedade com suas regras e convenções, às quais seus integrantes têm de se submeter. Por isso, em determinados momentos, o homem entra em conflito com o meio social ao qual pertence (João da Penha, 2001, p.47).

A liberdade, embora não seja absoluta, é imprescindível no acolhimento da mulher lésbica em situação de sofrimento. É fundamental auxiliá-la a reconhecer que a liberdade e a responsabilidade de suas escolhas lhe pertencem. O processo terapêutico, nesse sentido, busca favorecer que ela se torne autora de sua própria história, exercendo autenticidade na busca por verdade, liberdade e responsabilidade.

Como pontua João da Penha (2001), a angústia pode ser compreendida como um convite a “reconhecer-se livre”, pois a pessoa percebe que não é apenas o que é, mas também o que pode vir a ser diante de si e dos outros ao seu redor (p. 47). Assim, entende-se que a angústia constitui um movimento essencial para a autoaceitação e para o amadurecimento emocional. É por meio dela que o sujeito é levado a confrontar sua própria verdade e a escolher a autenticidade como modo de

existir. Para que de fato possa viver de forma autêntica, como nos apresenta Feijoo (2000), o psicoterapeuta buscará ter para o contexto aqui abordado, ou seja, para com a mulher lésbica, uma forma empática de compreender seu mundo sem normalizar as suas dores, não invalidando suas causas, mas sim ajudando-a a sentir o quão tem o direito de celebrar sua existência, assim como todo ser humano, tornando testemunho de si. Assim, no percurso de sua vida, conquista cada novo tempo para ouvir a voz da consciência a cada novo questionamento, a sua identidade e a sua essência a partir de uma escuta regida pelos princípios da psicologia fenomenológica-existencial. Feijoo (2000) pontua que o processo terapêutico, por vezes o terapeuta, precisa buscar entender do dia a dia do cliente para explorar seu cotidiano.

Para Feijoo (2000), sua visão fenomenológico-existencial, baseada em Kierkegaard e Heidegger, se refere à invisibilidade como sendo uma “fuga da singularidade e da liberdade”; “no entanto, quanto mais enfraquecida a consciência, mais fácil é perder-se na multidão” (Feijoo, 2000, p.105). A autora trabalha em questão a invisibilidade como a perda do eu impessoal e ilusão.

Em síntese, Feijoo (2000) apresenta o caso de Mariana, uma paciente de 40 anos que, ao revelar ser prostituta e ter vivido um relacionamento com uma mulher que havia deixado o marido para estar com ela, expõe uma trajetória marcada por contradições e buscas afetivas. Embora essa relação a tenha proporcionado um certo conforto inicial, Mariana projetava na parceira o papel de cuidadora, vivendo assim uma ilusão de completude. Do ponto de vista existencial, essa dinâmica revelou-se pouco saudável, pois a impedia de se reconhecer em sua própria liberdade e de enfrentar a solidão inerente à condição humana. A presença da outra, nesse contexto, surgia mais como uma necessidade de amparo do que como uma verdadeira oportunidade de encontro.

Ao apresentar a epoché (suspensão da atitude natural), método fenomenológico-existencial adotado por Feijoo e desenvolvido por Edmund Husserl (1859–1938) e Martin Heidegger (1889–1976), evidencia-se a importância de rejeitar qualquer classificação prévia do cliente. Nesse contexto, torna-se crucial suspender julgamentos heteronormativos e morais. Feijoo destaca que, ao buscar auxiliar a paciente a organizar o que trazia, assumiu uma atitude de compreensão, direcionando toda a sua atenção à fala da cliente. Assim, acolheu o relato de forma singular, sem perplexidade ou julgamento.

Feijoo (2000), no que diz respeito a um ambiente seguro, coloca que ele proporciona que a paciente possa explorar sua emoção, sem medo de julgamento, mesmo quando apresentado a ela sua liberdade e responsabilidade no contexto familiar e/ou social. A autora traz o que *o ser-no-mundo*, era o palco da ilusão social (invisibilidade) de Mariana, e o corpo vivido, era seu catalisador, pois ao manifestar suas fragilidades, a mesma quebrou a ilusão que a levou a liberdade e a singularidade.

Nesse mesmo contexto, recorreu-se a Martin Heidegger (2012), especialmente à obra *Ser e Tempo*. Valorizando a produção brasileira, o estudo também se apoia em *A Escuta e a Fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*, da psicóloga e escritora Ana Feijoo (2010), que apresenta de forma brilhante um modelo de atendimento psicoterapêutico nessa abordagem. Soma-se a isso a colaboração de João da Penha, cuja obra *O que é Existencialismo* contribuiu para introduzir e tornar mais acessível essa perspectiva no Brasil.

Heidegger não traz em sua obra as especificidades sobre homossexualidade, mas apresenta estrutura ontológica universal, a qual permite, por meio da PFE, abordar a inautenticidade e o sofrimento do ser. “O *Dasein*, como constituído pela abertura da verdade na medida e enquanto o *Dasein* é. O ente só então é descoberto e só é aberto enquanto o *Dasein*, em geral, é.” (Heidegger, 2012, p. 625).

Ao inserir a frase de Heidegger como aplicação na experiência da mulher lésbica perante seus medos, angústias no encobrimento e desencobrimento, pode-se traduzir esse fenômeno psicológico na estrutura de *Ser-ai*, ou *Dasein*. Entre tantas lutas cotidianas que a mulher lésbica enfrenta, como mencionado anteriormente sobre algumas invisibilidades, o medo social que inclui o julgamento é uma de suas lutas, pois a mulher lésbica precisa de familiaridade cotidiana, para evitar o estranhamento. “O ato de esconder, encobrir a orientação sexual e criar ‘fachadas’ funciona como uma negação de si. Ao se encobrir, a mulher lésbica permite que o outro a afaste de seu próprio ser”. (Vitoriano, 2023).

O terapeuta irá trabalhar com a mulher lésbica, o *Dasein*, como bem apresenta sobre a remoção de encobrimentos (Heidegger, 2012p. 371), para auxiliá-la a extrair a verdade de si mesma de tal encobrimento, retirar a verdade da ocultação, permitindo que a cliente tome por si a sua verdade e autenticidade. O ser descoberto, ao que antes sua identidade singular era obscurecida pela sombra da rejeição de distorções, por vez não deixa de passar pela angústia da verdade.

2.3 A INVISIBILIDADE DA LESBIANIDADE: QUEM É VOCÊ PARA ALÉM DO QUE AS PESSOAS DIZEM?

Trata-se, aqui, de refletir sobre quem é a mulher lésbica para além das definições estigmatizadas que a sociedade insiste em lhe atribuir, uma busca por autenticidade constantemente atravessada pela invisibilidade histórica e social que marca a experiência da lesbianidade.

A Perspectiva Fenomenológico-Existencial propõe, nesse sentido, um enfrentamento à lógica cisheteronormativa (CFP/CREPOP, 2023, p. 35), que tenta aprisionar o ser em categorias rígidas e limitadoras. A mulher lésbica, portanto, carrega o peso duplo do preconceito: o de ser mulher em

uma sociedade ainda patriarcal e o de ser homossexual em um contexto que, muitas vezes, nega sua legitimidade e existência.

Diversos são os níveis que se manifestam à sua invisibilidade: científico e social, no qual a escassez de conteúdos voltado para o tema é presente; a invisibilidade na saúde, em que profissionais entendem que toda mulher é heterossexual, assim não a acolhe, fazendo com que a mulher lésbica se silencie cada vez mais, por medo ou receios de se posicionar. (Vitoriano, 2023).

Com o olhar atento às políticas públicas, a atuação dos profissionais para com a pessoa LGBTQIA+, (CFP/CREPOP, 2023) estabelecem diretrizes éticas para a prática da psicologia brasileira pontuando:

Por exemplo, no atendimento a uma mulher lésbica que procura a Psicologia por sofrer com o preconceito familiar, deve-se entender esse sofrimento como produzido por questões históricas (a construção da lesbianidade como um desvio da sexualidade considerada normal), políticas (momento político de maior disseminação de ódio aos não heterossexuais), sociais (considerar as vivências familiares e a classe social da pessoa), entre outros aspectos. (CFP/CREPOP, 2023, p.36).

A diretriz elaborada pelo CFP/CREPOP (2023) orienta que o atendimento à população LGBTQIA+ deve partir da compreensão do papel da Psicologia na despatologização da sexualidade, reafirmando que a lesbianidade não é doença e, portanto, “não há cura para o que não é doença”. O sofrimento psíquico, nesse contexto, não se limita às vivências internas: o meio social pode agravá-lo significativamente, favorecendo condutas e posturas que levam a mulher lésbica, em busca de alívio, a um movimento de autonegação e culpa que a enclausura ainda mais em seu sofrimento.

Vale ressaltar também a invisibilidade institucional e política, no qual existe uma ausência de dados no Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) sobre identidade de gênero, conforme apresenta o EIXO 3, do CREPOP, o que é preocupante, pois poderá assim ocultar até violências sofridas pela pessoa LGBTQIA+.

Aprofundando agora nas leituras realizadas com base na PFE, pode-se assim dizer que se propõem no auxílio da mulher lésbica para reconquistar, tomar a sua autenticidade, o ser que é cada vez mais seu, como apresenta: “a essência” desse ente reside em seu “ter-de-ser”. Para enriquecer a compreensão sobre a invisibilidade e o que envolve a autenticidade e encobrimento do ser (*Dasein*) será somado o Relatório de Pesquisa: “Envelhecimento da população LGBT: diagnóstico sobre o longeviver e o acesso aos serviços municipais.”, mais conhecido como “Envelhecer LGBT+. Histórias de Vida e Direitos” (UFMG, 2023), precisamente o capítulo intitulado Saúde Física e Mental (5.1 pág. 145). Na narrativa, um dos idealizadores pontua a questão da saúde mental apresentando mulheres idosas cisgênera lésbicas.

No que toca à saúde mental, destaca-se no grupo de mulheres lésbicas entrevistadas o fato de já terem feito ou fazerem terapia. A prática não está associada necessariamente a algum diagnóstico de saúde mental, embora casos de depressão tenham sido mencionados. Interessante notar que o fator cultural e social que impede essas mulheres de viverem sua sexualidade é associado à procura por terapia e ao adoecimento psicológico. (DIVERSO UFMG, P.149)

Diante da observação do idealizador, as narrativas que serão de grande ajuda para uma observação do profissional da psicologia, auxiliarão com o embasamento da PFE nos casos expostos a seguir.

[...] fiz terapia quando eu cheguei aqui eu tive que procurar uma terapeuta LGBT. Eu fui procurar uma terapeuta LGBT para poder falar sobre a questão e não ser tolhida, mesmo assim eu fui. Porque uma vez a terapeuta virou para mim e perguntou: *“Por que você precisa sair por aí dizendo que você é mulher LGBT?”*. Ou seja, ela é uma mulher LGBT da minha época também, que acha que não precisa sair por aí dizendo que é uma mulher LGBT. **(Mulher cis, lésbica, parda, entre 60 e 64 anos, p. 149)**

Pode-se observar no relato da assistida como pode haver a ruptura da epoché por meio da rejeição no atendimento. Ali não ocorreu a suspensão do julgamento moral e social, ao que deveria, por vez, a cliente que foi em busca de um lugar seguro e acolhedor se depara com preconceito advindo de um terapeuta também LGBT, que sim, é comum de ocorrer. O terapeuta jamais deve dizer à cliente o que deve ou não no caso, viver de modo discreto e privado. O terapeuta deve, por vez, auxiliar a mulher lésbica a rejeitar o encobrimento, sendo o processo de remoção de encobrimentos e de obscurecimentos, que com *Dasein* alcançará para a abertura da verdade (Heidegger, 2012, p. 373).

A seguinte entrevista é com uma mulher preta, cis, lésbica. Na entrevista é possível perceber um dos exemplos da experiência de sofrimento psíquico em decorrência da homofobia e um exemplo de liberdade, responsabilidade e escolha.

Pra mulher negra, lésbica, a violência é muito maior. É muito maior... Existiu um período aí do ano passado, em que a gente ouvia muito a palavra regenerar. “Eu vou regenerar essa lésbica”, né? O quê que era regenerar? Um dia eu parei... parei um rapaz e perguntei pra ele: “o quê que é regenerar? ... Ele falou: “regenerar, cê pega a pessoa e mostra pra ela que ela é mulher, que ela não tem ... que ela não tem que... que... que ter outra mulher, o homem não tem que ter outro homem”. Eu falei: “mas isso chama estupro”. “Não, não é estupro porque a gente não chega a machucar”. Eu falei: “gente, qualquer ato sem o consentimento do outro é um estupro, é uma violência”. Eu falei: “inclusive a sua fala é uma violência. Isso que você está falando pros seus colegas é uma violência”. **(Mulher cis, lésbica, preta, entre 65 e 69 anos, p 122)**

Conforme aponta um dos idealizadores das entrevistas sobre a violências e discriminações que também são ligadas à raça (DIVERSO, UFMG, p. 122) foi possível observar na narrativa acima de uma senhora idosa negra que é inegável que o acolhimento deva ser no engajamento da validação do desvelamento.

O relato “regenerar” é de fato um exemplo extremo do ser-do-interpretado (Heidegger, 2012), estabelecido por aqueles que agem para reprimir ser-si-mesmo do indivíduo. Sobre a violência estrutural, o relatório Envelhecer LGBTQ+ (2023, p.103) confirma que a violência contra mulheres lésbicas se manifesta na intercessão entre misoginia, sexismo e homofobia quando Heidegger (2012, p. 477) fala que “todo entendimento, interpretação e comunicação genuínos, toda redescoberta e toda reapropriação se efetuam nele, a partir dele e contrariamente a ele...”. Pode-se entender isso como sendo uma “chave” para o enfrentamento da violência.

Outra entrevista evidencia de forma particularmente direta os danos causados pelo preconceito, pela censura e pela homofobia. A participante relata: “[...] essa questão de não poder viver socialmente a minha sexualidade, eu acho que isso é um ponto fortíssimo na minha depressão [...] um ponto forte é a... a invisibilidade, sabe?” (Mulher cis, lésbica, branca, entre 60 e 64 anos. p. 149)

O “não poder viver socialmente a sexualidade”, como bem diz a entrevistada, aponta o quanto a sua liberdade está encoberta, na questão de não poder ser autêntica, em não poder vivenciar suas experiências. O adoecimento mental surge ao longo da vida para muitos dos entrevistados, como bem aponta um dos idealizadores. A violência estrutural da heteronormatividade fere seus direitos e como peso da exclusão etária, como pode ser observado no relatório em citação de Ribeiro (2007): “(...) O velhismo, então, é um processo que nega a subjetividade das pessoas idosas, com a criação de representações sociais estereotipadas sobre o processo de envelhecimento.”

2.4 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo apoia-se na perspectiva de Lima e Miotto (2007), que entendem o percurso metodológico como um processo vivo, construído na articulação entre teoria e prática, e sustentado pela coerência entre o objeto, os objetivos e os procedimentos de pesquisa. Assim, optou-se por uma abordagem bibliográfica exploratória. A busca por materiais foi conduzida nas principais bases de dados: SciELO, BVS-Psi e CAPES Periódicos, utilizando os descritores “mulheres lésbicas”, “atendimento psicológico”, “psicologia existencial” e “psicoterapia”. Essa etapa teve como finalidade mapear a produção científica existente e identificar lacunas no campo de estudos sobre a temática. Dessa maneira, a pesquisa propõe-se a construir um conhecimento situado e crítico, comprometido com a realidade social e com as singularidades que atravessam as experiências analisadas.

2.5 RESULTADOS ENCONTRADOS

A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas bases SciELO, BVS-Psi e CAPES Periódicos, utilizando as palavras-chave “mulheres lésbicas”, “atendimento psicológico”, “psicologia existencial” e “psicoterapia”. O objetivo foi mapear as produções científicas que abordam a experiência lésbica e suas intersecções com a psicologia, especialmente sob uma perspectiva existencial. De modo geral, observou-se uma variação expressiva na quantidade de publicações entre as bases, refletindo tanto as diferenças nos critérios de indexação quanto o grau de consolidação das temáticas investigadas.

No caso do descritor “mulheres lésbicas”, foram identificados 6 resultados na SciELO, 26 na BVS-Psi e 4 na CAPES Periódicos. Esses números revelam uma produção ainda escassa, sobretudo em bases de maior amplitude, indicando que as vivências lésbicas seguem ocupando um espaço reduzido no campo científico, inclusive na psicologia.

O descritor “atendimento psicológico” apresentou 12 resultados na SciELO, 16 na BVS-Psi e 137 na CAPES Periódicos, evidenciando que, embora o tema seja amplamente explorado, as discussões nem sempre contemplam recortes relacionados à diversidade sexual ou de gênero, limitando o alcance crítico dessas produções.

Quanto à “psicologia existencial”, foram encontrados 8 resultados na SciELO, 3 na BVS-Psi e 3 na CAPES Periódicos. A baixa incidência de publicações sugere que essa abordagem, embora relevante, ainda ocupa um espaço restrito nas pesquisas brasileiras, especialmente quando associada a questões de identidade e subjetividade lésbica.

Por fim, o descritor “psicoterapia” apresentou o número mais elevado de resultados, com 26 publicações na SciELO, 83 na BVS-Psi e 1.849 na CAPES Periódicos. O volume expressivo reforça o interesse consolidado pela temática no campo da psicologia, mas também evidencia a carência de estudos que articulem esse campo com perspectivas existenciais e com o recorte da lesbianidade.

Em síntese, os dados revelam um desequilíbrio entre a vasta produção sobre psicoterapia e a escassez de estudos que discutam a experiência de mulheres lésbicas sob o olhar da psicologia existencial. Essa lacuna aponta para a necessidade de ampliar as investigações que considerem o cuidado psicológico como espaço de escuta autêntica e de reconhecimento da singularidade das vivências lésbicas, contribuindo para um debate mais inclusivo e plural na psicologia brasileira.

3 CONCLUSÃO

O presente artigo, fundamentado em pesquisas bibliográficas, buscou compreender o papel da psicoterapia na prática clínica direcionada à mulher lésbica, especialmente a partir da abordagem

Fenomenológica-Existencial. Evidenciou-se que essa abordagem se estrutura em uma perspectiva ética e humanizada, essencial para acolher as particularidades e especificidades dessa clientela. Trabalhando com o conceito heideggeriano de Dasein (ser-aí), a proposta terapêutica visa remover o encobrimento e o obscurecimento, permitindo que o sofrimento seja visto e compreendido de forma genuína, de modo a auxiliar na elaboração da dor gerada por experiências preconceituosas.

O referencial de Heidegger sobre o Dasein oferece uma estrutura ontológica que permite à PFE abordar a inautenticidade e o sofrimento do ser de maneira profunda. Assim, a psicoterapia propõe um enfrentamento à lógica da cisheteronormatividade ao adotar a noção de abertura da verdade, ajudando a mulher lésbica a transpor barreiras impostas socialmente e a rejeitar o movimento de encobrimento.

Considerando também a vulnerabilidade da própria psicóloga e os limites éticos de sua atuação, destaca-se que a prática profissional deve estar alinhada à diretriz da não patologização da orientação sexual. O artigo reafirma, portanto, o dever da psicóloga de acolher a mulher lésbica com singularidade e humanização, contribuindo para que ela reconheça, afirme e celebre sua existência e sua autenticidade.

O processo psicoterapêutico exige da psicóloga a suspensão de julgamentos heteronormativos e morais — conhecida como epoché — para favorecer que a mulher lésbica busque sua autenticidade. Esse movimento requer autodescoberta e autoconhecimento, permitindo que a paciente se reconheça como autora de sua própria história. Cabe à psicóloga atuar como uma “promotora de responsabilidade”, pois a decisão sobre o próprio percurso só pode ser tomada pela própria paciente.

Por fim, torna-se fundamental ampliar as pesquisas que articulem a PFE e a lesbianidade, tanto para combater a invisibilidade quanto para investigar as barreiras enfrentadas pelas profissionais. Entre as especificidades dessa prática, destacam-se: a postura ética da epoché, que orienta o enfrentamento dos efeitos negativos da heteronormatividade; o foco no Dasein (ser-aí) e no combate à inautenticidade; a promoção da liberdade e da responsabilidade, auxiliando a paciente a assumir suas próprias escolhas; e o enfrentamento estrutural do sofrimento, que implica resistir à lógica da cisheteronormatividade.

Assim, as especificidades da abordagem, ancoradas em uma ética fenomenológica, constituem uma ferramenta potente para afirmar a existência da mulher lésbica e fortalecer sua liberdade de ser.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). 1999. **Resolução CFP n.º 001/1999, de 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília–DF Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf Acesso em 2 de agosto de 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP/CREPOP,2023) **Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+** Brasília: disponível em:https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/RT_LGBT_crepop_Web.pdf Acesso em 5 de julho de 2025.

DIVERSO UFMG. Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero. **Envelhecer LGBT+: história de vida e direito relatório da Pesquisa**: Belo Horizonte–MG:DIVERSO UFMG, 2023 disponível em: <https://diversoufmg.com/projetos/longeviver/> Acesso em 20 outubro de 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Edição em alemão e português. Tradução e organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas–SP: Editora da Unicamp; Petrópolis –RJ: Editora Vozes, 2012.

LIMA, T. S. & MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**, 2007.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 14. reimp. da 1. ed. de 1992. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos; v. 61).

SARMENTO, Vinícius; EVANGELISTA, Paulo. **A homofobia na literatura psicológica fenomenológico-existencial: uma revisão integrativa.**, v. 25, e24278, 2025.

VITORIANO, Ana Cláudia de Oliveira. **Lesbianidade em questão: um estudo fenomenológico**. 2023. 90 p. **Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual)** – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio.